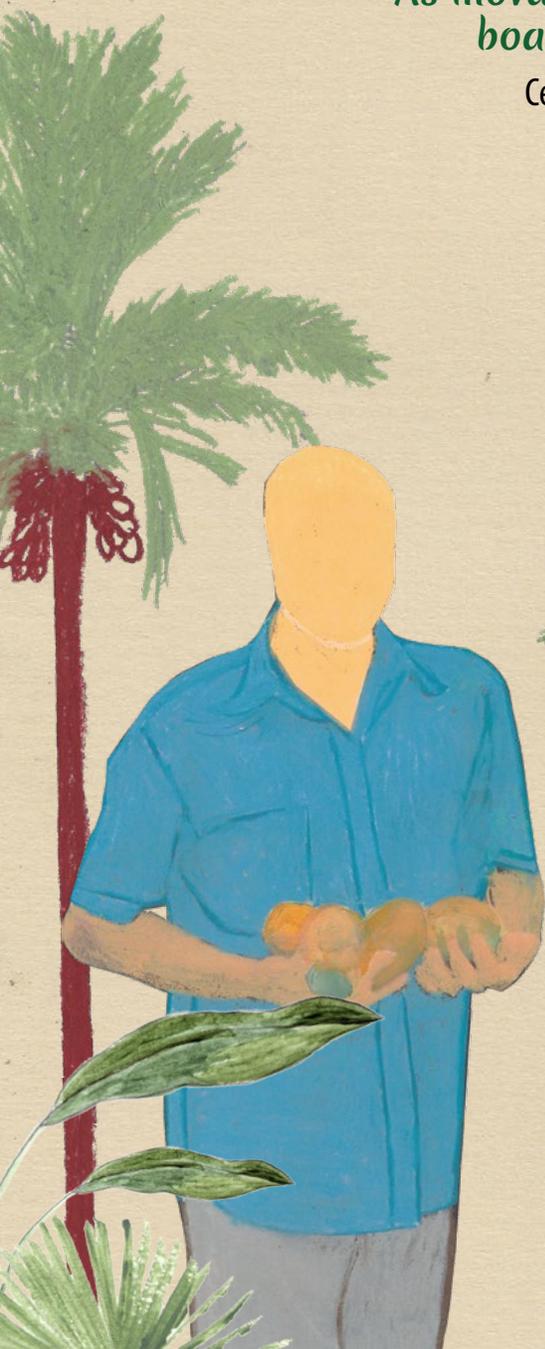


*As inovações de Rosa e Tião para uma
boa produção em pequenas áreas*

Centro dos Passarinhos, Lago dos Rodrigues, MA

Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Luiz Antônio Gusmão
Ronaldo Carneiro de Sousa



**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia
Embrapa Amazônia Oriental
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão**

Mestres do Agroextrativismo no Mearim
Volume 14

***As inovações de Rosa e Tião para uma
boa produção em pequenas áreas***

Centro dos Passarinhos, Lago dos Rodrigues, MA

*Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Luiz Antônio Gusmão
Ronaldo Carneiro de Sousa*

Embrapa
Brasília, DF
2020

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W5 Norte (final)
70770-917 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4700
Fax: (61) 3340-3624
www.embrapa.br/fale-conosco/sac/

Embrapa Amazônia Oriental

Trav. Dr. Enéas Pinheiro, s/n°
Caixa postal 48
66095-903 Belém, PA
Fone: (91) 3204-1000
Fax: (91) 3276-9845

Unidade responsável pelo conteúdo

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Comitê Local de Publicações
Presidente
Marília Lobo Burle

Secretária-executiva
Ana Flávia do N. Dias Côrtes

Membros

Antonietta Nassif Salomão; Bianca Damiani Marques; Diva Maria Alencar Dusi; Francisco Guilherme V. Schmidt; João Batista Teixeira; João Batista Tavares da Silva; Maria Cléria Valadares-Ingliš; Rosameres Rocha Galvão; Tânia da Silveira Agostini Costa

Editores técnicos da coleção
Roberto Porro
Anderson Cássio Sevilha

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n° 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

As inovações de Rosa e Tião para uma boa produção em pequenas áreas : Centro dos Passarinhos, Lago dos Rodrigues, MA / Roberto Porro ... [et al.]. – Brasília, DF : Embrapa, 2020.

54 p. : il. ; 16 cm × 22 cm. – (Mestres do agroextrativismo no Mearim, 14)

ISBN 978-65-87380-01-8 (obra compl.). – ISBN 978-65-86056-83-9 (v. 14)

1. Médio Mearim. 2. Extrativismo sustentável. 3. Manejo. 4. Boas práticas. 5. Agricultura familiar. I. Porro, Roberto. II. Nascimento, Aline Souza. III. Gusmão, Luiz Antônio. IV. Sousa, Ronaldo Carneiro de. V. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. VI. Coleção.

CDD (21 ed.) 630.5

Ana Flávia do N. Dias Côrtes (CRB-1/1999)

© Embrapa, 2020

Embrapa

Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W3 Norte (final)
70770-901 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
www.embrapa.br

Unidade responsável pela edição

Embrapa, Secretaria-Geral

Coordenação editorial
Alexandre de Oliveira Barcellos
Heloiza Dias da Silva
Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial
Waldir Aparecido Marouelli

Revisão de texto
Maria Cristina Ramos Jubé
Lara Aliano Farias da Silva Pereira

Normalização bibliográfica
Ana Flávia do N. Dias Côrtes
Rejane Maria de Oliveira (CRB-1/2913)

Projeto gráfico e ilustrações
Sílvia Moan

Diagramação e arte-final da capa
Leandro Sousa Fazio

1ª edição

1ª impressão (2020): 500 exemplares



Autores

Roberto Porro

Engenheiro-agrônomo, doutor em Antropologia Cultural, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

Aline Souza Nascimento

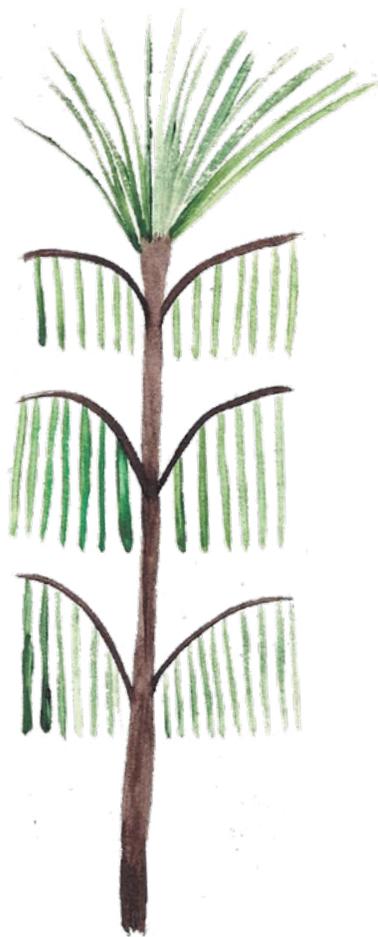
Cientista social, mestranda da Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Luiz Antônio Gusmão

Engenheiro-agrônomo, mestre em Agroecologia, assessor da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão, Pedreiras, MA

Ronaldo Carneiro de Sousa

Técnico em agropecuária, assessor da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão, Pedreiras, MA





Agradecimentos

Agradecemos o apoio institucional e financeiro concedido pela Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF).

Aos diretores e técnicos da Assema, que apoiaram a produção desta coleção, e especialmente às famílias que compartilharam conosco valiosas informações.

A todos aqueles que contribuíram na edição dos 30 volumes da coleção, especialmente à equipe de editoração da Embrapa. O apoio e engajamento de Nilda Sette e Waldir Marouelli foram fundamentais. E também ao Cláudio Quinto Filho, da Assema, e Renan Matias, do projeto Bem Diverso, pela elaboração dos croquis dos estabelecimentos rurais.

Esperamos que as publicações geradas contribuam para dar visibilidade aos objetivos de desenvolvimento e bem-estar das comunidades agroextrativistas do Território do Médio Mearim, no estado do Maranhão.





Apresentação

Promover o desenvolvimento local e conservar a biodiversidade brasileira é um dos objetivos do projeto Bem Diverso, implementado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e coordenado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). Com foco nesse objetivo, foi elaborada uma coleção de 30 publicações, intitulada Mestres do Agroextrativismo no Mearim, em parceria com a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema).

As publicações trazem experiências e iniciativas locais consideradas bem-sucedidas no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.).

A apresentação dessas experiências nesta coleção, realizada em conjunto pela Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia e a Embrapa Amazônia Oriental, marca mais uma etapa do trabalho desenvolvido pelas Unidades do projeto Bem Diverso, e reúne capacidades técnicas de inovação em biomas tão importantes como a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga, que se cruzam no Território da Cidadania do Médio Mearim.

Tendo como base as iniciativas para o manejo sustentável da palmeira babaçu, a coleção aborda temas como reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas; cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área; cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental; comercialização de hortaliças produzidas de forma sustentável; pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais; inovações na criação de pequenos animais; processamento local de frutas, mandioca ou leite e processamento do babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato.

Essa diversidade de temas mostra que estabelecer parcerias, como esta entre a Embrapa e diversas entidades, valoriza o trabalho de centenas de famílias agroextrativistas que realizam atividades exitosas no manejo sustentável e ajuda a manter e divulgar os princípios que são tão caros para a unidade familiar de produção, preservando o passado e antecipando o futuro, com os saberes tradicionais e as tecnologias de ponta em um só compasso.

Maria Cléria Valadares-Inglis
Chefe-Geral da Embrapa Recursos
Genéticos e Biotecnologia





Prefácio

Mais de 130 mil pessoas vivem na área rural do Território do Médio Mearim, sobretudo agricultores familiares, assentados e comunidades quilombolas. O Médio Mearim encontra-se numa zona de transição entre a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga. Ao longo dos anos, o território perdeu boa parte da sua cobertura florestal nativa, por conta do desmatamento para formação de pastagens e agricultura extensiva. A palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.), que sempre esteve presente na rica composição da vegetação originária que cobria o território, passou a dominar a paisagem em sucessão, tornando-se a espécie florestal predominante, cobrindo vastas áreas chamadas de babaçuais, que se tornaram a base do sustento de milhares de famílias no Médio Mearim.

Por essa razão, as comunidades lutam pela proteção das palmeiras, que sofrem pressão graças à tendência de sua eliminação por pecuaristas. Essa luta é protagonizada principalmente por mulheres, as quebradeiras de coco, que, além de coletar e processar o coco-babaçu, se organizam em movimentos sociais para garantir o acesso livre aos babaçuais, tanto em áreas públicas como privadas.

No início de 2017, a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) iniciou



uma parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), por meio do projeto Bem Diverso, para viabilizar a disseminação e replicabilidade de boas práticas de manejo agroextrativista realizadas no Território da Cidadania do Médio Mearim, Maranhão.

Um dos objetivos da atividade consistia em reconhecer e dar visibilidade ao esforço concreto do dia a dia das famílias agroextrativistas da área de atuação da Assema.

Com base em processo conduzido pela Assema, foram selecionadas 30 famílias entre as unidades produtivas agroextrativistas, em nove municípios do território. A seleção levou em conta o destaque das famílias na condução de uma ou mais das seguintes atividades: 1) reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas e conservação da biodiversidade; 2) cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área; 3) cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental; 4) cultivo comercial de hortaliças; 5) pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais; 6) inovações na criação de pequenos animais; 7) processamento de frutas, mandioca ou leite; 8) processamento do coco-babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato.

A sistematização e a apresentação das iniciativas locais bem-sucedidas das famílias selecionadas, no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu, bem como os principais componentes do modo de vida de unidades familiares de produção no Médio Mearim são apresentados nos 30 volumes da coleção. Cada publicação retrata, portanto, o trabalho muito mais amplo realizado por centenas de famílias no território.



Este volume consiste na sistematização das iniciativas e práticas de manejo realizadas no estabelecimento rural do casal Sebastião Ferreira Pinto e Rosinete Barros, em Centro dos Passarinhos, município de Lago dos Rodrigues, MA. A família se destaca pelo cultivo comercial de hortaliças em sua pequena propriedade.

É importante destacar que, em praticamente todos os casos sistematizados, a iniciativa das famílias não se restringe a apenas uma atividade principal. É comum que duas ou três atividades predominantes sejam integradas no estabelecimento rural, onde também são executadas diversas outras atividades complementares.

Em cada caso, identificam-se as dimensões do caráter exitoso observado pela equipe de pesquisadores, técnicos e agentes de desenvolvimento que conduziram este trabalho ao longo de 18 meses, colhendo depoimentos, imagens e gerando textos que poderão ser utilizados em processos de aprendizado e compartilhamento do conhecimento, contribuindo, assim, para a divulgação do esforço desses mestres e mestras do agroextrativismo no Médio Mearim.

Convidamos, assim, leitores e leitoras a conhecer e compartilhar essas histórias.

Raimundo Ermino Neto
Coordenador-Geral da Associação em
Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão





Sumário

Breve trajetória **15**

Estabelecimento familiar **17**

O segredo da
boa produção é o cuidado **23**

Meios de vida **33**

Lições aprendidas e desafios **39**

Referências **43**

Foto: Aline Nascimento



O casal Rosa e Tião, como são conhecidos, em sua residência.



Breve trajetória

Aquebradeira de coco Rosinete Diniz Barros (40 anos) é casada há 7 anos com o agricultor Sebastião Ferreira Pinto (51 anos). Rosa e Tião, como são conhecidos, moram, desde 2013, no povoado de Centro dos Passarinhos, distante 6 km da cidade de Lago dos Rodrigues.

Rosa nasceu no povoado de Socorro, em Lago da Pedra, e, aos 22 anos, mudou-se juntamente com seus pais para o povoado denominado Marajá, em Lago dos Rodrigues. Lá, seu Antônio Alves, pai de Rosa, trabalhava como vaqueiro sem receber remuneração. Em contrapartida, morava e colocava roça na terra do fazendeiro. Por não ter sido remunerado quando exercia tal atividade, o pai de Rosa recebeu a doação da casa onde atualmente reside, na sede do município.

Quebradeira de coco, Rosa era a responsável por fazer e deixar a comida na roça para o pai:

Às vezes, não sabia onde era, e o pai só dizia assim: 'vou passar lá onde é o caminho da roça, vou cortar os matos e deixar o caminho para quando tu ir, tu saber aonde é'. Seguindo os rastros deixados por ele, 'eu ia bater em cima'.

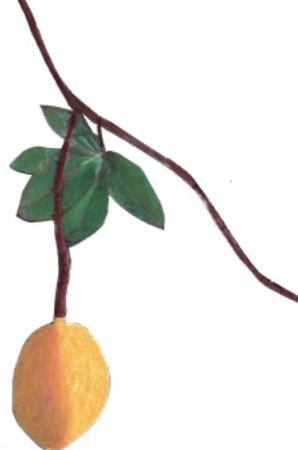


Rosa casou-se pela primeira vez em 2002 e, 3 anos depois, migrou para Tupã, município localizado no oeste do estado de São Paulo, junto com o ex-marido, que trabalhava no corte da cana-de-açúcar, atividade que seu Antônio e Francisco, seu irmão, também realizavam.

Em 2011, Rosa se separou e conheceu Tião, um paulista natural daquele município e que ali trabalhava no corte de cana há 12 anos. Em 2013, vieram ao Maranhão para visitar familiares de Rosa e foram informados da venda da terra onde atualmente moram e trabalham. Ao conhecer essa área, Tião “se engraçou”, pois “era doido para comprar uma terrinha, mas em São Paulo a terra é muito cara e a terra aqui era barata”. Desse modo, retornou a São Paulo somente para vender os bens que possuía e, em seguida, voltou ao Maranhão. A vinda para o Médio Mearim permitiu que o casal recriasse condições necessárias para sobrevivência enquanto agricultores familiares.

Esse trânsito migratório vivido pelo casal os conecta a tantos outros camponeses que, em razão das contradições sociais dos seus locais de origem, são forçados a migrar para as cidades a procura de trabalho na indústria, na construção civil ou no setor de serviços em busca de um complemento para subsistência (Martins, 1986). A migração de camponeses, contudo, não pode ser analisada apenas como uma consequência da inviabilização de suas condições de existência, pois ela é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução social. Migrar, de fato, pode ser condição para a permanência camponesa (Woortmann, 1990).

Tião reconhece que “em São Paulo, financeiramente estaria ganhando mais, mas sendo empregado dos outros. Aqui, mesmo ganhando menos, trabalho pra mim. Eu e ela trabalhamos pra nós”.

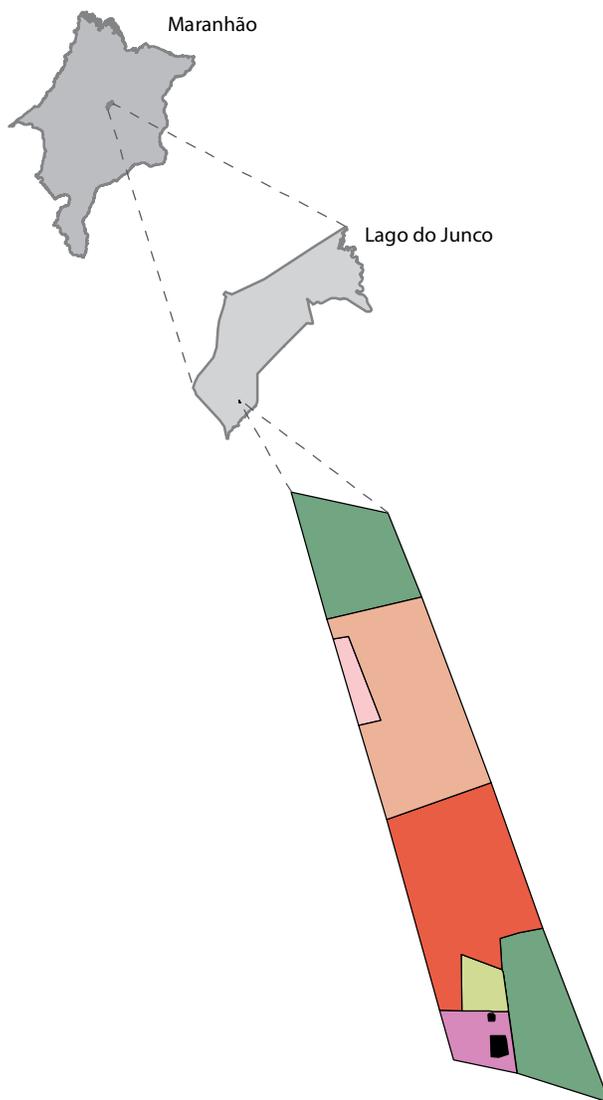


Estabelecimento familiar

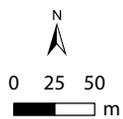
Embora administrativamente o povoado de Centro dos Passarinhos esteja sob a jurisdição do município de Lago dos Rodrigues, os mapas fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) situam as terras do povoado e a propriedade do casal na vizinha Lago do Junco. A área que o casal comprou para morar e trabalhar é de 2,5 ha (hectares), tamanho que consideram suficiente para suas atividades produtivas.

Ao mudar para a região, muita gente não compreendia o motivo de Tião ter decidido morar num lugar tão distante e no qual “nem bode se criava”. Mas o fato de ter uma terra própria e que lhe possibilitasse uma alternativa ao “trabalho bruto”, como Tião define o corte de cana, contribuiu para que fixasse moradia na localidade. Para ele, “deu certo desde a primeira planta que plantei aqui”. A vontade de adquirir uma área para viver era tamanha que seu Tião afirma que “meu sonho de solteiro sempre foi ter uma casa e ter pelo menos um pé de coco na frente da casa. E hoje tenho dois”.

A casa foi construída pelo casal e por Antônio Barros, outro irmão de Rosa, pois Francisco, ao contrário do pai, permanece em São Paulo.



- Horta (0,1 ha)
- Fruteiras (0,1 ha)
- Pomar (0,1 ha)
- Agrofloresta (0,7 ha)
- Roça (0,7 ha)
- Capoeira (0,6 ha)
- Construções (115 m²)



Localização e croqui do estabelecimento familiar.

Fonte: Adaptado de Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).



Foto: Aline Nascimento

Plantios de maracujá e macaxeira na propriedade da família.

Na construção da casa tiveram que armazenar água da chuva para fazer a massa de cimento. Rosa fazia a massa e Tião e o cunhado assentavam os tijolos. Quando o sol esquentava demais, corriam para debaixo de uma árvore de maçaranduba, que continua conservada e se tornou um lugar de memória. São justamente essas lembranças e as alegrias vividas desde quando chegaram a Centro dos Passarinhos que contribuíram para que criassem afeição pela localidade da qual não têm pretensão de sair.

Tião veio “com o propósito de começar plantando horta”, mas com a participação em um projeto de assistência técnica e extensão rural (Ater Agroecologia) da Associação em Áreas de Assentamento



Tião mostra os frutos de maracujá colhidos em sua propriedade.

no Estado do Maranhão (Assema) e, posteriormente, em um projeto da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (Coppalj), teve a oportunidade de diversificar as atividades produtivas.

Atualmente, o estabelecimento encontra-se enriquecido com diversas espécies frutíferas (aceroleira, cajueiro, laranjeira, limeira, mamoeiro, mangueira, tangerineira), além de bananeiras e maracujazeiros plantados em um pomar de 1.300 m² próximo à residência, e espécies florestais (aroeira, ipê-amarelo, mogno) que foram plantadas numa agrofloresta, consorciadas com milho, feijão e mandioca em 0,7 ha. A pequena propriedade ainda conta com outros 0,6 ha utilizados para cultivos anuais e uma capoeira de 0,6 ha, além de 700 m² cultivados com maracujá, e da horta, que, embora seja de apenas 800 m², viabiliza importante produção de alimentos.







O segredo da boa produção é o cuidado

Rosa e Tião trabalham com hortaliças desde quando chegaram ao povoado de Centro dos Passarinhos, sendo que alguns plantios, como “os pés de pimenta, têm o tempo que nós moramos aqui”. Eles cultivam ainda pimentão, pepino, feijão, coentro, cebolinha, inhame, macaxeira, mandioca, tomate, quiabo, cuxá (vinagreira) e maxixe.

Tião afirma que “aqui temos uma temperatura diferente, então plantei arriscando, porque não estava acostumado”. Pelos seus experimentos, o agricultor foi fazendo algumas descobertas e obtendo muitos êxitos. Uma dessas conquistas é “o plantio de maracujá que, geralmente, só dura uma safra, mas vai fazer 2 anos que apanhamos”, conseguindo colher aproximadamente 150 caixas de 20 kg em 40 pés. As sementes de maracujá foram trazidas da roça do irmão, em São Paulo. Elas foram plantadas numa área de 10 m de largura por 50 m de comprimento, em quatro fileiras, com 3 m de espaçamento entre linhas e 5 m de um pé a outro. Ele afirma que “o maracujá é uma planta forte, ele não morre fácil não”. Essa resistência, somada ao cuidado e carinho que possui por seus cultivos, são, segundo ele, o segredo para uma boa produção.



Frutos de maracujá colhidos por Tião.

Na adubação dos maracujazeiros e demais espécies cultivadas na horta, o casal usa esterco de galinha doado por um amigo de Lago dos Rodrigues. Assim que chega ao estabelecimento, o esterco é armazenado por alguns dias em local seco e arejado para compostar (curtir). Esse procedimento é necessário para qualquer esterco, mas, principalmente, para o de galinha, por este conter uma concentração maior de nitrogênio, uma vez que as aves excretam a urina junto com as fezes. “O estrume de galinha é mais forte que o estrume de gado, e a gente põe diretamente nas plantas. Se não souber usar, mata. É necessário colocar aos pouquinhos”. Na preparação dos canteiros para novos plantios, ele planta sem colocar nada, “depois cavoco entre quatro pés e coloco o estrume do frango para ir jogando água e ele vai se desmanchando com o tempo no canteiro”.

A irrigação dos canteiros é feita até seis vezes por dia, quando o tempo está muito quente, senão as hortaliças murcham. Para reduzir a perda de água por evaporação, “usa as palhas para fazer mais sombra” e, assim, “tentar proteger o máximo possível do sol”. Outra prática de proteção das plantas contra o sol é o sombrite, utilizado nos meses mais quentes do ano e de menor precipitação (setembro, outubro e novembro).



Foto: Aline Nascimento

Rosa irriga os pés de alface na horta da família com uma mangueira.

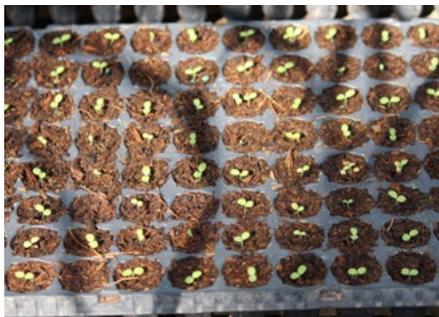
O plantio das espécies frutíferas foi intercalado com pés de pimenta para otimizar o uso da água. Essa estratégia foi uma forma de evitar a perda de mudas no período seco do ano, uma vez que os pés de pimenta são irrigados constantemente.

As mudas de essências florestais foram plantadas na área cultivada com espécies agrícolas de ciclo curto com a intenção de utilizar a biomassa ou palhada do milho, por exemplo, para formar uma cobertura morta e, com isso, minimizar a perda de umidade do solo por meio da evaporação e proteger as raízes das plantas ainda jovens da temperatura extrema do período mais quente na região. Outro plano de Tião é “uns plantios de banana dentro, porque a banana é uma cultura fria e retém muita umidade, então não prejudica as árvores e dá um bananal bonito”.

Foto: Aline Nascimento



Tião rega as mudas recém-transplantadas com um regador.



Diferentes hortaliças cultivadas na horta da família.

No estabelecimento, é dispensado o uso do fogo. Seu Tião aproveita a vegetação capinada ou roçada e adiciona esse material na superfície do solo para formar uma cobertura morta e enriquecer a camada superficial com matéria orgânica. Para Rosa, foi um aprendizado, pois, nas comunidades rurais no Maranhão, varrer o terreiro ou o quintal de casa e, em seguida, queimar o cisco é prática costumeira das mulheres. A partir dessas vivências, ela compreendeu que “é necessário deixar o mato que a terra come” e, portanto, “agora já varro e jogo num lugarzinho onde tem uma planta”.

Foto: Aline Nascimento



Cultivo de macaxeira no estabelecimento familiar.



Tião demonstra grande preocupação com a conservação do solo. Para evitar o carreamento da camada superficial de solo fértil pela água da chuva, sobretudo no inverno, coloca com frequência restolhos de palhas de babaçu, conhecidos localmente como concas, nas depressões do terreno, diminuindo, assim, as chances de erosão.

Os materiais de propagação das lavouras foram adquiridos em vários lugares. As sementes de feijão e milho foram doadas pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Lago dos Rodrigues. As hastes para plantio de macaxeira e mandioca, denominadas de manivas ou manaíbas, foram obtidas nos povoados de Marajá e de Barraquinha, respectivamente. As sementes de alface americana e de pimentões foram trazidas de São Paulo pelo casal. Tião afirma que, quando chega na loja, explica onde plantará as sementes, e o vendedor pesquisa as que se adaptam ao clima quente do Maranhão. Todos os anos, ele multiplica as sementes e manivas e “gosta de plantar ao redor das palmeiras, porque tudo dá”.

As palmeiras de babaçu são conservadas no estabelecimento porque o casal aproveita o coco para extrair as amêndoas e produzir carvão. O coco também é coletado em pastagens vizinhas, onde “sempre que tem um cachinho por perto ele junta, mas para entrar com animal ele não entra não”. Eles preferem comprar as cargas, porque “o coco antes no Maranhão era liberado, agora não é mais não. A gente ajunta no nosso. Para juntar no dos outros nós pagamos”.

A narrativa de Rosa remete ao contraste entre o período em que o coco era livre e coletado sem impedimentos e o tempo em que ele se torna preso, após a privatização das terras públicas no estado. Embora a Lei do Babaçu Livre vigore no município de Lago dos Rodrigues e assegure o livre acesso aos babaçuais, o fato de as

palmeiras estarem em terras privadas faz com que o casal prefira comprar as cargas de frutos do que adentrar terras alheias. Nesse sentido, a percepção de Tião, vindo de uma realidade agrária na qual o uso comum de recursos não é praticado, coaduna-se com a de alguns proprietários que não aceitam a entrada de terceiros em suas terras.

Na estação chuvosa, muitas extrativistas interrompem a quebra, mas, como o casal estoca os frutos, Rosa afirma que “quebrou coco o inverno todinho”. No período da visita, ela havia parado a quebra porque o estoque que possuía havia acabado e “o coco não está caindo ainda, começa a cair só em setembro e vai até o meio do inverno”. Além disso, “esse ano o coco foi pouco”.

Foto: Aline Nascimento



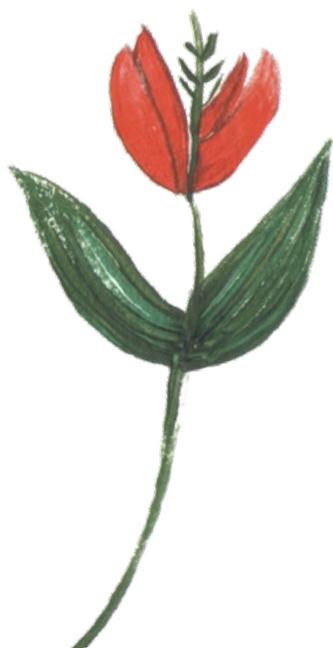
Pastagem em área vizinha ao estabelecimento onde Rosa coleta o coco-babaçu.

As cascas são aproveitadas para produção do carvão. O casal “faz caieira [forno para fabricar carvão, cavado no solo] no inverno, e o pessoal fica impressionado porque não entra água”, isso acontece porque, conforme Rosa, “quando está chovendo Tião bota um plástico para não molhar a caieira e cobre as beiradas com terra”. Os dois sempre trabalham juntos, só contratam diarista no momento da capina. “Ele enche a caieira sozinho, quando a caieira sai fogo eu vou ajudar ele abafar”. As cinzas são utilizadas como adubo nas plantações.



Foto: Aline Nascimento

Rosa quebra o coco-babaçu no quintal de casa.



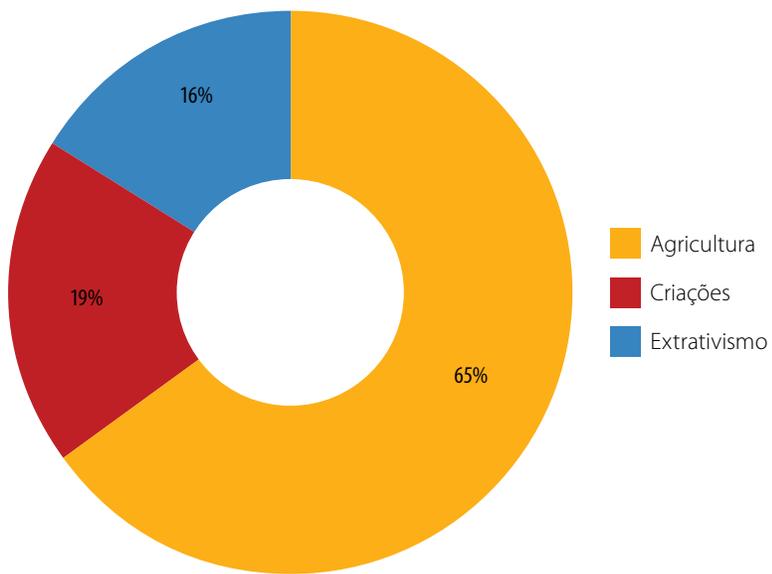


Meios de vida

A agricultura se constitui na principal atividade econômica do casal, representando 65% da renda monetária familiar, conforme verificado no gráfico a seguir, elaborado a partir de informações prestadas pelo casal relativas a todas as fontes de renda monetária recebidas no ano agrícola de 2017/2018. A renda monetária da agricultura foi obtida, principalmente, a partir da venda de hortaliças e de frutas como o maracujá.

A produção é comercializada aos sábados na feira de Lago dos Rodrigues. Na manhã do dia anterior, o casal colhe a macaxeira, o feijão, as pimentas e os pimentões. À tarde, dedicam-se à colheita dos outros produtos, como o cheiro-verde. Algumas dessas mercadorias são transportadas com antecedência para o box disponibilizado pela prefeitura, local onde os agricultores guardam sua produção.

Para transportar a produção, Tião precisa fazer, no mínimo, cinco viagens de motocicleta ao mercado municipal. Além da comercialização direta ao consumidor, o casal repassa pimentas e pimentões para mercearias, e macaxeira e pimenta para um comerciante do povoado de Barraquinha, o qual revende esses produtos na feira de Lago do Junco.



Fontes de renda monetária familiar.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

Foto: Aline Nascimento



O casal embala as hortaliças que serão vendidas na feira da cidade.



Ao longo do ano, o casal produziu 3 t (toneladas) de macaxeira. Essa macaxeira é comercializada para o cliente revender na feira em caixas e não por carga de raiz, “porque até seis ‘pés’ de macaxeira, dependendo do tamanho, enche uma caixa, e você vende por R\$ 30. Se você vender na carga você vai vender dois jacás daqueles bem grandões por R\$ 50”. Tião acredita que “se a gente não souber trabalhar fica difícil sobreviver”.

No povoado de Barraquinha, Tião tem outro cliente que compra toda sua produção de mandioca para produzir farinha. Nessa perspectiva, boa parte dos produtos já tem mercado garantido, e, quando há muita oferta de um determinado produto no mercado, ele reduz a produção.

A produção de milho é destinada à alimentação dos animais, mas o volume produzido na safra de 2017/2018 (30 sacos, ou 1.800 kg) possibilitou a comercialização de uma parte da produção. O mesmo ocorreu com o feijão, cuja produção chegou a 102 kg.

As criações de aves e suínos contribuem com 19% da renda monetária familiar. Os frangos são comercializados para o abate, e cada lote permanece no aviário durante 90 dias. Em relação à criação de suínos, o casal comercializa tanto o animal vivo quanto a carne dos animais, que são abatidos pelo pai de Rosa.

O extrativismo também se constitui numa importante fonte de renda monetária (16% do total) e inclui a venda de amêndoas e de carvão. Rosa afirma que “se não me ‘impaiasse’, quebraria 10 kg por dia”, mas “meu quebrado de coco é muito corrido porque não quebro só coco, ajudo ele na horta, em casa... por isso, quebro só 8 kg”.

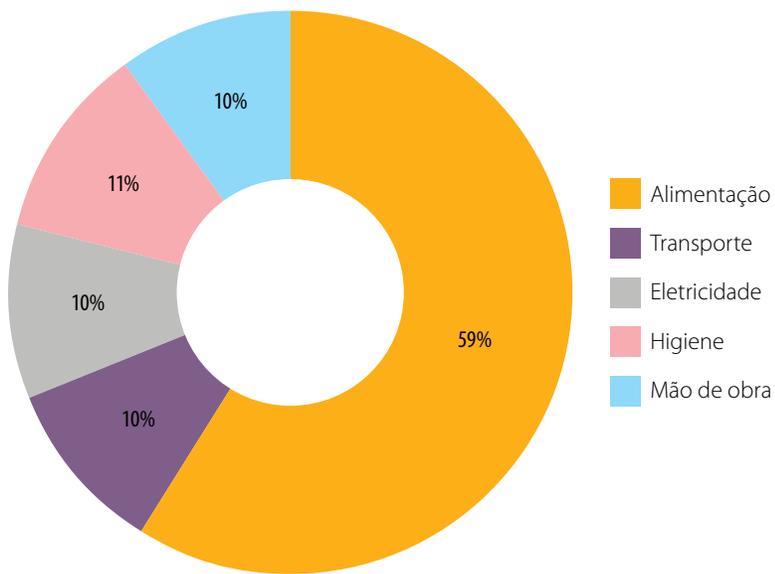
Apesar do tempo destinado a outras atividades produtivas, Rosa extrai 40 kg de amêndoas por semana, vendidas em comércio localizado na sede do município de Lago dos Rodrigues. No ano



Galinheiro no quintal de casa da família.

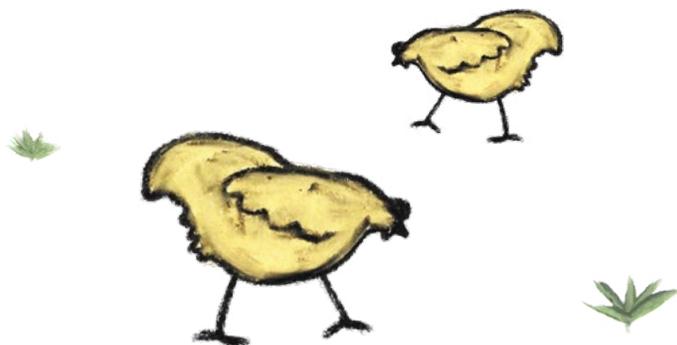
anterior à entrevista, o casal informou ter comercializado 1.700 kg de amêndoas. Em relação ao carvão, o casal chega a produzir oito latas por semana, para um total anual próximo de 2 t, sendo que boa parte foi comercializada.

Em relação às despesas mensais, dados informados pela família relativos a abril de 2018, mês anterior à realização da entrevista, e apresentados no gráfico a seguir, demonstram que a alimentação representou 59% das despesas totais, seguido dos gastos bem distribuídos com transporte (10%), eletricidade (10%), artigos de higiene e cosméticos (11%) e mão de obra (10%).



Gastos familiares.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).







Lições aprendidas e desafios

O uso que os agricultores fazem da terra está assentado na concepção que possuem acerca dela como bem comum, concepção que está embutida nos seus modos diferentes de vida e que, com o cerco vivido por eles, foi se transformando num conceito político. E é essa consciência política que emerge nas narrativas e vivências de Rosa e Tião, por meio das quais a terra desponta como lugar de sustento, de aconchego, de rompimento de velhas relações de dominação e de criação de esperanças (Martins, 1986).

O casal ainda enfrenta alguns desafios e reconhece que “se tivesse um sistema de irrigação facilitaria, mas como não possui a gente vai pelejando com as coisas que tem”. É Tião quem assume a comercialização, mas, se tivesse alternativa, somente realizava o plantio e os tratos culturais porque acha essa a melhor parte do trabalho.

O escoamento da produção é desafiador e exige muito esforço por causa das condições da estrada vicinal e das tantas viagens que Tião é obrigado a fazer para transportar os produtos para o mercado. No período chuvoso, o desafio é maior, e, muitas vezes, é preciso se deslocar debaixo de chuva, com a estrada em péssimas condições

de tráfego. Houve uma situação em que caiu no trajeto e toda a produção foi perdida. Atualmente, uma das pontes que dá acesso ao povoado está quebrada, e isso o impede de utilizar a carretinha reboque e transportar uma carga maior.

No período seco, a água do poço se torna insuficiente para atender à demanda na horta. Além disso, a presença e atividade das formigas nos canteiros, atraídas pelo esterco, são mais intensas. Os pássaros também danificam alguns produtos, em razão da escassez de outros alimentos na região, mas o casal aprendeu que uma parte da produção não deve ser colhida para alimentar os animais silvestres.

As idas e vindas de Rosa foram marcadas por rupturas e recomeços. Ao migrar para São Paulo precisou se adaptar à estranheza, às vivências e à sedução do lugar. O retorno ao Maranhão também exigiu que se ajustasse a uma realidade que

Foto: Aline Nascimento



Tião leva o carregamento de frutas à feira semanal.

se apresentava tão diferente da que havia deixado quando partiu. O fato de ter um pedaço de chão, no qual pudesse planejar a vida, lhe possibilitou integrar as experiências trazidas na bagagem com as já vivenciadas no seu local de origem. E são os saberes acumulados a partir do trânsito vivido, somados ao desejo de ter onde descansar, que contribuem para que faça excelente uso da pequena terra.

O trabalho realizado pelo casal em apenas 2,5 ha é, de fato, desafiador para a grande maioria dos agricultores do Médio Mearim, que, tradicionalmente, necessitam de áreas muito maiores para viabilizar seus modos de vida baseados no roçado e na quebra do coco-babaçu. Aos poucos, as práticas de Tião e Rosa serão reconhecidas por vizinhos, e aquelas que por estes forem consideradas viáveis, certamente, serão adotadas e disseminadas, enriquecendo, assim, a dinâmica de uso da terra em contextos de recursos escassos.



Foto: Alinne Nascimento

O casal trabalha junto na preparação da venda das hortaliças.





Referências

ASSOCIAÇÃO EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO NO ESTADO DO MARANHÃO. **Diagnóstico socioeconômico da agricultura familiar no Médio Mearim**: agosto-novembro 2017. [Pedreiras, MA: Assema], 2018. Relatório não publicado.

MARTINS, J. de S. **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis: Vozes, 1986.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 7, n. 1, p. 35-53, 1990.







Coleção Mestres do Agroextrativismo no Mearim

*Reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes
diversificados para restauração de áreas degradadas e
conservação da biodiversidade*

- Volume 1 O novo reforço na produção agroflorestal de
Domingos Mariano e Ivanilde
Quilombo São Bento do Juvenal, Peritoró, MA
- Volume 2 A produção da família Alves de Sousa aliada à
recuperação do solo
Centro do Bertolino, Lago do Junco, MA
- Volume 3 A roça agroecológica da família de dona Sibá e seu
João Valdeci
Centrinho do Acrísio, Lago do Junco, MA
- Volume 4 As vivências da família Sousa Lopes na construção
da diversidade
Pau Ferrado dos Procópio, Lago do Junco, MA
- Volume 5 A preservação da biodiversidade pela família Santos
Povoado de Mangueira, Lima Campos, MA



Cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área

- Volume 6 A tradição da família de dona Belinha no cultivo do feijão abafado
Povoado do Lago do Sigismundo, Esperantinópolis, MA
- Volume 7 A recuperação da roça por meio de capoeiras de sabiá da família Soares
Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA
- Volume 8 As vivências da família Martins na produção agroecológica
Povoado Nova Olinda, Lima Campos, MA

Cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental

- Volume 9 As boas práticas da família Pereira Santana
Sítio Novo, Lago do Junco, MA
- Volume 10 Alcimar e Maria de Fátima e a tradicional prática da roça no toco
Vila Nova, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA
- Volume 11 As boas práticas de produção sustentável da família Araújo
Povoado Palmeiral, Esperantinópolis, MA

Cultivos comerciais sustentáveis de hortaliças

- Volume 12 As boas práticas na produção agroecológica da família Furtado
Centro da Zozima, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 13 O exemplo da família de Josilene e Mizael no cultivo da horta

Povoado de Três Poços, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 14 As inovações de Rosa e Tião para uma boa produção em pequenas áreas

Centro dos Passarinhos, Lago dos Rodrigues, MA

Pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais

Volume 15 As boas práticas dos Sousa na criação bovina em babaçuais

Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA

Volume 16 A integração de cultivos, criações e extrativismo pela família Cordeiro

São José dos Mouras, Lima Campos, MA

Volume 17 A experiência da família Meneses no manejo do babaçu em pastagens

Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Inovações na criação de pequenos animais

Volume 18 A diversidade da criação animal da família Monteiro

Povoado Canafístula, Esperantinópolis, MA

Volume 19 A integração das atividades produtivas da família Sousa

Povoado Baixinha, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 20 Sebastião e Maria de Fátima: produção aliada à conservação

Povoado Jenipapo, Esperantinópolis, MA



Volume 21 A vivência dos Freitas no manejo da roça e na criação de aves

Povoado de Alto Alegre, Lago da Pedra, MA

Processamento local de frutas, mandioca e leite

Volume 22 A diversificação da produção de dona Lila e seu Toinho

Comunidade Centro dos Cocos, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 23 Dona Beta e seu Matias pela preservação da vida e do solo

Estrada da Vitória, Poção de Pedras, MA

Volume 24 As boas práticas de produção e processamento da família de Lúcia e Chico Fartura

Povoado Serrinha, Igarapé Grande, MA

Volume 25 A qualidade da produção tradicional de queijo por Francisca e José Meneses

Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Processamento do babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato

Volume 26 Os saberes da família Rego da Silva e o artesanato com babaçu

Centro do Coroatá, Esperantinópolis, MA

Volume 27 As boas práticas de dona Alódia na produção do sabonete de babaçu da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais

Comunidade Ludovico, Lago do Junco, MA

Volume 28 A tradição do coco-babaçu na família de Francilene e Antônio Adão

Povoado São João da Mata, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 29 A produção artesanal de azeite de babaçu da família Santos

Serra Quebrada, Poção de Pedras, MA

Volume 30 Francisca e Miguel e a beleza na produção do pacará

Centrinho da Aparecida, Lago do Junco, MA







O projeto Bem Diverso visa contribuir para a conservação da biodiversidade brasileira em paisagens de múltiplos usos, por meio do manejo sustentável de espécies e de sistemas agroflorestais (SAFs), de forma a assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e dos agricultores familiares, gerando renda e melhorando a qualidade de vida.

Fruto da parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o projeto é executado com o apoio de organizações do governo e da sociedade civil com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). As atividades tiveram início em 2016 e vão até 2020. Os principais eixos são a promoção do desenvolvimento sustentável de seis Territórios da Cidadania (TCs), por meio do uso da biodiversidade e de sistemas agroflorestais, e a geração de subsídios para aperfeiçoar as políticas públicas sobre uso sustentável e conservação da biodiversidade.

O Bem Diverso atua nos biomas Cerrado, Caatinga e Amazônia, reconhecidos pela importância socioambiental, mas ameaçados pelo desmatamento e aumento de práticas agrícolas insustentáveis. Nesses biomas, o projeto trabalha diretamente em seis TCs: TC Alto Rio Pardo (MG) e TC Médio Mearim (MA) no bioma Cerrado;

TC Sobral (CE) e TC Sertão de São Francisco (BA) no bioma Caatinga; e TC Alto Acre e Capixaba (AC) e TC Marajó (PA) no bioma Amazônia.

Os TCs são caracterizados por elevada biodiversidade; pela presença de espécies de plantas de importância econômica, manejadas por comunidades locais; pelo potencial para melhoria da qualidade dos produtos da biodiversidade, desde a coleta, passando pelo processamento até o consumo; e pela possibilidade para desenvolver ações com SAFs.

Contato

Parque Estação Biológica (PqEB), s/nº

70770-901 Brasília, DF

Fone: (61) 3448-4912

E-mail: contato@bemdiverso.org.br

www.bemdiverso.org.br





A Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) é uma organização privada sem fins lucrativos de caráter regional, criada e liderada por agricultores(as) familiares e extrativistas do coco-babaçu. Fundada em 1989, a Assema tem sede na cidade de Pedreiras, localizada na parte central do estado do Maranhão, e tem por missão promover a melhoria da qualidade de vida das famílias agroextrativistas. Instituição parceira do projeto Bem Diverso no Território da Cidadania do Médio Mearim, no Maranhão, a Assema promove a produção familiar, utilizando e preservando os babaçuais.

Os objetivos estratégicos da Assema incluem combater as desigualdades de gênero e geração; contribuir para a produção de alimentos seguros e diversificados destinados ao autoconsumo e mercados; gerar renda por meio da organização dos processos comerciais cooperativistas e associativos no mercado justo e solidário; apoiar ações de educação contextualizada em escolas públicas rurais e de alternância; e empoderar os sujeitos para a intervenção nos espaços de tomada de decisão em políticas públicas destinadas à agricultura familiar.

A Assema é uma entidade plural que incorpora segmentos e ações diferenciadas, o que tem possibilitado amadurecimento na

forma de gestão participativa em que a orientação de suas ações parte das organizações de base. Para atender a essa dinâmica, conta-se com uma estrutura organizacional composta por áreas de Governança e Gestão Programática, Mobilização e Visibilidade.

Contato

Rua da Prainha 551

Bairro São Benedito

65725-000 Pedreiras, MA

Fones: (99) 3642-2061 / (99) 3624-2152 / (99) 3634-1463

www.assema.org.br





Impressão e acabamento





Apoio

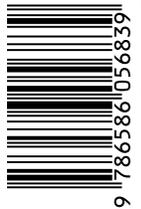


MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

ISBN 978-65-86056-93-9



9 786586 056839

CGPE 15719